Rodríguez, José Luís; Elias J. Torres Feijó. "A Galiza e os galegos na prosa de Camilo".Congresso Internacional de Estudos Camilianos. Coimbra, 1994, 707-727.

tipicamente ibérico, um genuíno representante do iberismo espiritual, psicológico: "Hablando de Camilo Castelo Branco, me decía una vez Guerra Junqueiro que Camilo, aquella alma tormentosa y apasionada, fue más español que portugués, que a las veces hay en él lo fúnebre quevediano" ([15]). "Nosotros, españoles y portugueses, nos indignamos y entonces o sermoneamos o insultamos. Nuestra sátira es sermón didáctico y es invectiva virulenta. Nuestro humorismo se disuelve en sarcasmo. Apenas si Cervantes se libra de ello. Y por esto me ha parecido siempre Camilo tan ibérico, tan peninsular, tan nuestro. El encendido, el ardoroso sarcasmo de Camilo me ha llegado siempre al fondo de las entrañas. Y de aquí que haya preferido Camilo, tan desordenado; tan confuso, tan improvisador, tan *primesateur*, a Eça de Queirós. Hay media docena de novelas de Camilo que jamás olvidar" ([16]). Esta comparação com Eça elucida-nos acerca da importância que Unamuno conferia aos escritores iberistas.

Mas Camilo não é só um paradigma do iberismo psicológico, é também o mais portuguesista dos escritores lusos, sem ser localista, porque os problemas das suas personagens transcendem a geografia na qual se circunscrevem: "El portuguesísimo novelista Camilo Castelo Branco" ([17]); "leer a Camilo es viajar por Portugal, pero por el Portugal de las almas" ([18]), Camilo es "el que nos ha dado en sus novelas toda el alma trágica, fatídica, patética de Portugal"([19]).

Efectivamente, estas valorações unamunianas, expostas repetidamente na Espanha e na Argentina, fizeram com que Camilo fosse conhecido no mundo de fala espanhola. O que é certo é que Unamuno foi o primeiro espanhol que sistematicamente falou de Camilo – e da literatura portuguesa em geral –, e que só a partir de então começou a longa lista, como vimos, das suas traduções na Espanha, sobretudo o *Amor de perdição*.

([15]) OC, vol. I, p. 190.
([16]) Miguel de Unamuno, "El sarcasmo ibérico de Eça de Queirós", in *Eça de Queirós. In memoriam*, 2ª ed., Coimbra, Atlântida, 1947, p. 388.
([17]) OC, vol. I, p. 230.
([18]) OC, vol. I, p. 239.
([19]) OC, vol. I, p. 254.

JOSÉ LUÍS RODRÍGUEZ*
ELIAS J. TORRES FEIJÓ*

A GALIZA E OS GALEGOS NA PROSA DE CAMILO

O escritor português que narrou com engenho e perspicácia únicas boa parte do século que viveu – e ainda outros – contou também da Galiza e dos galegos. Camilo forma parte necessária do espelho (seja liso, côncavo ou convexo) em que os do Aquém-Minho podem olhar-se, e, se quiserem, concordar ou discordar. Perante eles situa-se a ironia, a contradição, a sagacidade e a lucidez do português, e, dito seja, sem nos afastarmos da pena camiliana do galego. Porque, afinal de contas, "nada do galego lhe era alheio."

Faz-se óbvio, pois, que sustenta toda esta aproximação um aprioriismo, que nos parece tão legítimo como evidente: qualquer coisa há de comum e específico entre a Galiza e Portugal. Qual era a atenção, a sensibilidade e a opinião de Camilo a respeito disto é o nosso ponto de partida.

E aproximarmo-nos da sua obra não é um exercício gratuito. Se a literatura galega não se reencontrou a si própria até bem entrado o século XIX, a acabar o milénio ainda esta não se conduz com normalidade. Recorrer, portanto, aos irmãos, seja qual for o seu estado de ânimo naquilo que a nós diz respeito, é uma oportunidade a que sem demora nos aplicamos.

1. Quem a Galiza, quem os galegos?

A Galiza pode ser perspectivada de muitas maneiras, mas faz re-

* Universidade de Santiago de Compostela.

ferência a uma única entidade. Com maior ou menor território, é a zona que ocupa o Noroeste da Península Ibérica. A breve lição de geografia que antecede não pretende desconsiderar o leitor, mas, muito pelo contrário, explicitar ainda mais a evidência que assoma: galego não é apenas gentílico. A palavra, como seu originário proprietário, percorreu mundo e carregou-se também ela de múltiplas conotações.

> "Vistam-me um peralvilho de Lisboa com uns calções de burel, uma jaqueta de abas, um colete vermelho assertoado, calcem-lhe uns sapatos grossos, dêem-lhe uma fouce, e mandem-no para o Alentejo: no Alentejo chamar-lhe-ão galego, como em Lisboa é galego todo o homem da Beira, em Coimbra o do Porto, no Porto o do Alto Minho, no Alto Minho o filho das margens do Bivey ou do Tambre, e creio que na Andaluzia o será o alentejano, como em Lugo e Compostela o é, talvez, o asturiano ou o vasconço " (¹).

Assim escrevia um ilustre contemporâneo do autor de São Miguel de Ceide, Alexandre Herculano, no seu prólogo à pequena novela *O Galego*, que abriria uma série dedicada aos tipos portugueses. O texto, adereçado ainda com alguns exageros da *colheita* lisboeta do extraordinário prosista, contém todo o processo seguido por palavra e pessoa até constituirem um tipo que lembra e esquece a um tempo a origem. Desde os fins da Idade Média muitas voltas tem dado o galego...

Como adiante se verá, as apreciações de Herculano situam-se num esquema muito próximo das reflexões objecto deste trabalho. Assim, o autor do *Bobo* fala de três tipos de galego: o galego mito, o galego história e o galego actualidade; "o primeiro um símbolo; o segundo um ovo; o terceiro um elemento social". E comenta como na História da Galiza aparece primeiro como símbolo da nação resistente e forte; depois como origem de Portugal e, em terceiro lugar, é um aguador, um carreador de Lisboa. Passa a constituir um tipo, onde não importa a sua origem, mas o que representa.

Há quase quarenta anos escrevia o investigador Horácio Marçal sobre esta matéria e propunha uma classificação dos sentidos da

(¹) Alexandre Herculano: *O Galego, Vida, ditos e feitos de Lázaro Tomé*, Livraria Bertrand, 1969, p. 166.

palavra (²). As suas investigações – tirando as opiniões do historiador sobre Lugo e Compostela... – confirmavam a descrição de Herculano.

Com efeito, galego era o minhoto, como era também o português no Brasil, ou o da vila próxima por terras do Ribatejo. *Trabalham como galegos* é frase característica nestas e noutras zonas, e, daí, estamos já a um passo dos tratamentos pejorativos, "sinónima de *incivil, rude, grosseiro, brutal, teimoso, etc.*", como indica Marçal.

A este propósito, cita o investigador luso como o galego ocupava no séc. XIX os trabalhos mais pesados, especialmente no Porto e Lisboa. Para além das profissões tipicamente citadinas (criados, aguadeiros, cocheiros, moços de cozinha...), outras do mundo agrícola, particularmente as temporárias, eram igualmente galegos os que as exerciam. Os labores da vindima no Alto-Douro são disso fiel testemunho. A vinda nessa altura de muitos habitantes do Minho para acima, estendeu o vocábulo a todos os temporeiros (³).

Assim foi como o amola-tesouras e navalhas, o moço de fretes, o rendeiro, os cadeirinhas, carvoeiros, ambulantes, e outros referidos, começaram a ter ao seu lado a palavra galego como sinónimo. E a fortuna da consideração do trabalho e do carácter pela sociedade trouxe como consequência as extensões semânticas do vocábulo, e isso já, por exemplo, desde Sá de Miranda. Do séc. XII ao XVI muitas coisas aconteceram. Os temíveis galegos de que falavam os árabes lá ficaram.

E, é claro, a literatura popular, o refraneiro, os adágios, testemunharam as acepções. Assim, e sempre seguindo Marçal, há fome galega, mesa sem pão, mesa de galegos, e, daí, duzentos galegos não fazem um homem senão quando comem. *É um galego do patrão*, submisso e humilde, embora a insubordinação possa ser motivo para formar uma corja ou cambada galega. Comportar-se como um grosseiro é comportar-se como um galego, como o disparate pode ser uma fantochada galega. Ser um homem parvo é sinónimo de galego; ser ardiloso ou possante também. A brutalidade é uma galegada, e, enfim, *Deus criou*

(²) Seguimos para este trabalho as achegas de Horácio Marçal, no seu artigo *O significado do vocábulo "galego" e a sua extensão na etnografia e no folklore*, in "Douro Litoral", Porto, 1954, sexta série, I-XI, pp. 3 a 16.

(³) A respeito disto, o próprio Horácio Marçal indica uma quadra popular recolhida pelo Dr. Augusto César Pires de Lima que testemunha esta presença galaica: "Raparigas de Fontela,/Que há-de ser de vós agora?/a 'strada 'stá-se a acabar,/Os *galegos* vão-se embora" (S. Tiago de Arcias, Santo Tirso).

primeiro o português e depois o galego para o servir, curiosa teologia popular e revisão de cronologia digna de melhor causa, que, afinal, vai parar ao mesmo sítio.

Em definitivo, o tempo fez que os da Gallaecia, dito seja com toda a propriedade, foram já, não filhos da Galiza, mas filhos da terra, como escreveu Herculano ([4]).

Ora bem, o azar galego nem acabou nem se culminou com as apreciações dos portugueses. A maior sanha e dureza veio, não podia deixar de ser de outra maneira, do espelho quase perfeitamente convexo, dos castelhanos. Num artigo publicado pouco depois do de Marçal na mesma revista *Douro Litoral*, Jesús Taboada ([5]) mostrava como a cobardia, a desonestidade, a torpeza serviam para desqualificar um povo no seu conjunto e na sua identidade. Uma lenda negra que se formou no século XVI, quando a Galiza definitivamente tinha perdido a sua independência e proeminência cultural, com uma economia rota e a emigração como fraco remédio no horizonte. Foi um ataque sem matizes, que levava por vezes os galegos a aparentarem ser portugueses, e de que estes últimos também não se safaram, como a literatura do *Siglo de Oro* espanhol revela e a actualidade ainda não desmente totalmente ([6]). As agressões, como se vê, também devolvem identidades. Até porque, como os escritos de Herculano (e fundamentalmente de Camilo, como verificaremos) elucidam, dar trato pejorativo com o termo galego é insultar os próprio nacionais ([7]).

([4]) A lembrança da Galiza ficou também por topónimos – o que provocou que mais de uma vila ou aldeia quisesse mudar de nome –, antropónimos, potatónimos, espécies do mundo agrícola ou animal, etc. Não vamos demorar-nos nesses aspectos, menos interessantes para a nossa aproximação. Remetemos pois ao mencionado artigo de Horácio Marçal, e ao livro de José Luís Pensado *Galicia, el gallego y sus gentes*, La Voz de Galicia, A Corunha, 1985.

([5]) *La descalificación de Galicia en la literatura y en el pueblo*, Revista *Douro Litoral*, Porto, 1954, sexta série, VII -VIII, pp 105 a 117.

([6]) Cfr. a este respeito *Del jardin de Tirso*, do próprio Jesus Taboada, in *Revista Guimaraes*, tomo LVIII, fasc. II-IV, pp 160 a 183; Garcia, Constantino: *El castellano en Galicia* in *El Castellano actual en las comunidades bilingües de España*, AA. VV., Junta de Castilla y León, Consejería de Educación y Cultura, Valladolid, 1986, para além dos citados de Marçal, Taboada e Pensado.

([7]) Muito haveria a dizer sobre o triângulo castelhanos, portugueses e galegos, onde estes últimos se encontram e confundem nas humilhações a que os primeiros os submetem.

2. *A Galiza e os galegos na prosa camiliana: mais uma prova de uma genial contradição.*

"Antes, porém compete-nos informar que nem sempre os nossos irmãos de além-fronteiras têm sido maltratados ou desfeiteados pelos portugueses, porquanto houve um fecundo escritor que, não obstante a evidente mordacidade que ordinariamente empregava nos seus escritos, soube elevar bem alto a nobreza do carácter de um galego" (Horácio Marçal ([8])).

"Horácio Marçal se refiere en su importante trabajo a Camilo Castelo Branco, que en una de sus obras dignifica el carácter de un noble corazón gallego. No obstante sin espigar mucho en sus obras, podemos manifestar que en otras partes escribe de ellos con el mismo desdén que era tópico vulgar" (*Jesus Taboada* ([9])).

Em definitivo "espiguemos" mais ([10]).

Comecemos por mostrar-nos ecléticos e adiantemos que a nosso juízo nenhum dos autores erra, mas também não tem toda a razão da sua parte. Camilo nem sempre trata bem os galegos, mas a sua consideração, como teremos de demonstrar, não é unilateralmente desqualificadora; nem muito menos...

2.1. Os muitos galegos de Camilo.

Praticamente tudo o que resumido fica sobre o assunto do vocábulo galego está na prosa de Camilo. Sugerimos quatro grandes agrupamentos para as muitas ocorrências do gentílico e da nação a que corresponde. Um primeiro pode ser constituído por todas aquelas referências de origem, especialmente de frutos, objectos, topónimos; outro forma-se se agruparmos todos os ofícios designados pela palavra; todas as

([8]) Art. cit., p. 4.

([9]) Art. cit., p. 115.

([10]) Seguimos para o presente trabalho a edição de Lello & Irmão em nove volumes, publicada entre 1982 e 1988. Adiante, indicando o título das obras de que se citem trechos no texto, daremos apenas em nota o volume e a página. Não citaremos as datas de publicação de cada obra por não ser relevante neste trabalho de conjunto, onde, por outra parte, não se percebe evolução ou diferenças no decorrer do tempo no pensamento camiliano a respeito do nosso objecto de estudo.

considerações à volta do insulto, da baixeza e por aí fora, estariam num terceiro grupo, e o quarto conformar-se-ia por todas as citações que se relacionam com a identidade, com o 'ser galego' como adscrito a um determinado lugar.

Mas acontece que esta classificação apenas pode ser aceite metodologicamente. Fora do primeiro grupo, que não permite de princípio elucidar nenhum juízo de valor, os outros estão transidos pelos matizes que possa reunir o 'peralvilho de Lisboa' de Herculano, passíveis, portanto, de ter como referentes vários conceitos, como vimos. Se a isso acrescentamos a "evidente mordacidade que ordinariamente empregava nos seus escritos" o nosso autor, força é a prudência. A polissemia e a ambiguidade da palavra terão em Camilo um cultor de engenhosos frutos; no humor e na ironia, não isentos por vezes de ternura, os seus melhores abonos.

E nem o primeiro grupo se safa da conotação: "A lua cheia de Junho e Julho viu coisas que a poesia costuma idear nas varandas das Julietas, e que a prosa espreita em qualquer borta de couve galega por entre festões de abóbora-menina", lemos numa cena de amor em *Gracejos que Matam* ([11]). A neutra denominação do fruto adquire aqui uma evidente carga de contraste. Se a denominação e uso da expressão anterior não conleva uma acepção pejorativa. Camilo oferece outras em que o desprezo é inerente à frase; assim, uma personagem de *Caveira da Mártir* queixa-se de que não lhe deram nem "o valor de um chavo galego" ([12]), termo aliás castelhano, curiosamente, e não do Além/Aquém-Minho (seleccione-se a perspectiva) que infelizmente nunca cunhou moeda...

Couves, navalhas, topónimos galegos... todos aparecem logicamente na obra camiliana, uns para significar origens e outros já carimbados com os matizes com que o oriundo da Galiza e a sua terra foram carregados.

2.1.1. Ofício e baixeza de galego.

Pelos ofícios deve ter começado boa parte desta particular lenda negra do galego. Este escolheu para trabalhar o Sul, talvez como prolongamento natural da sua terra. Ao Porto, a Lisboa, a Coimbra... lá chegou para ganhar a vida, e para ser, acima de tudo, criado; quer dizer-

([11]) VIII, 25.
([12]) VII, 1276.

-se, portanto, galego. Criados há por todo o lado na obra do autor de *Amor de Perdição*, que apresenta uma documentada variedade de ofícios, tão vasta, ou mais, da vista nos artigos precedentes. Na sua produção, tão intensa como extensa, desfilam os galegos, sempre de passagem, como extras de uma fita. Em *Coração, Cabeça e eEstômago*, o narrador ouve dizer que "o galego, aguadeiro da casa fronteira", fora duas vezes perguntar por ele, e depois dá-lhe a notícia de que um ricaço se apaixonara pela mulata Tupinoioio e a levara consigo para o Minho. "Não mentiu o galego" ([13]), comenta o narrador, e ainda bem que ficou desta vez indultado... Eis, pois, o aguadeiro e recadeiro, quase o galego por excelência, elemento fixo da paisagem lisboeta da época.

E, junto dele, os cadeirinhas, populares personagens, citadinos também, chamados por Guilherme de Amaral num *Homem de brios* para se trasladarem ele e um seu colega ao "Águia d'Ouro", agora nas ruas do Porto ([14]). Conte-se igualmente entre os ofícios citadinos o de carregador; "chegava o marceneiro ao Hotel do Pexe, na feira das caixas, com galegos carregados de mobília", lê-se no *Sangue* ([15]). E os galegos da cocheira, como o enviado por Simão, em *A doida do Candal*, a, como é habitual, um recado ([16]). Na mesma obra, Osório procura dois carreteiros ([17]), e é um galego de carretos que traz a missiva para o António José em *Vingança* ([18]). O pai do Libório da *Queda dum anjo* ganhou fortuna inventando um misto saboroso "para uso de galegos e carretões madrugadores" ([19]). Há, enfim, escudeiros, "espécie de galegos" ([20]), criados em geral, galegos da casa, como aqueles que a filha de D. Maria das Antas gostaria que lhe obedecessem para fazer saltar a alguns infames pelas janelas nos *Brilhantes do brasileiro* ([21]).

Não falta o galego da vindima, como o chamado por Inocêncio para lhe levar alforge e mala no *Sangue* ([22]); ou o que namora a prima Rosa

([13]) III, 739 e 748.
([14]) II, 501.
([15]) VI, 438.
([16]) VI, 54.
([17]) VI, 33.
([18]) II, 1160.
([19]) V, 875.
([20]) I, 448.
([21]) VI, 979.
([22]) VI, 401.

do narrador numa das *Cenas da Foz*, a da *"Sorte em preto"* ([23]), que pede perdão por revelar a origem do namorado; pequena obra esta que, por sinal, começa pela descrição da família e serviço de Pantaleão de Cernache Telo Aboim de Lencastre Maldonado e Sousa Pinto de Penha e Almeida, com mulher, filha, "duas criadas graves; uma cozinheira, casada com o lacaio; um escudeiro preto; um galego adjunto à cavalariça; dois cães de lobo" ([24]), etc.

Observe-se, pois, que, como supra indicávamos, uma multidão de galegos desfila pelas páginas de Camilo; desfilam literalmente, já que na sua maior parte, e seja ou não o seu ofício, portam cartas e todo o tipo de objectos e pessoas de um lugar para outro, todos anónimos e insignificantes, detendo-se apenas uns instantes. Não são o objecto da história, mas são extraordinariamente úteis, como motivo de distracção e humor.

Ora bem, por mais insignificantes e anónimos, não se safam da pulha. Cada menção é praticamente um estoque. O indulto de Amaral que citávamos é uma excepção. Ele próprio grita aos cadeirinhas :"Que diabo de parelha é essa que não anda nada? Quero entrar de dia em Londres". E, perante o resmungo pelo baixo dos galaicos, o poeta, "apesar de tudo, ria-se da susceptibilidade melindrosa dos galegos" ([25]). Em *Memórias*, frente ao templo de Nun'Alvares Pereira, "50 galegos grunhem, reguingam, e disputam a vez de encher o barril" ([26]). Os carreteiros de Osório bem tinham podido ser um só. "Bastaria chamar um, se o outro que está aqui dentro quisesse ganhar um patacão. E dizendo, fitou Peixoto insultantemente". Este só o entendeu, "corridos minutos" ([27]). Foi ao despedirem-se que Simão Peixoto disse ao major: "o galego que fica irá receber as suas ordens. – Dispenso os seus serviços – replicou o outro –, sirvo-me com gente mais fiel. Não podia ser mais lancinante a afronta" ([28]), sentencia o narrador. E confirmou-o, acrescentemos nós, com a seguinte cena: Simão Peixoto recebe um insultante e "petulante repto", como indica o narrador, assinado por José Osório do Amaral. "Podem ir", diz Peixoto aos enviados directos de Heitor e

([23]) II, 771.
([24]) II, 762.
([25]) II, 501.
([26]) IX, 129.
([27]) VI, 33.
([28]) VI, 33.

indirectos do próprio Amaral: "Mandei um galego da cocheira a um recado. Quando ele chegar, levará resposta vocal ao miserável escreveu isto. "Amaral "teve a inocência de esperar o galego prometido que não chegou durante aquele dia." No entanto, um fidalgo amigo de Simão entrevista-se com o major Amaral; produz-se o seguinte diálogo, que seleccionamos:

> "– O senhor é o galego prometido? pergunta Amaral.
> "– O galego!... – disse o fidalgo enfiado.
> "– Sim. Simão Peixoto fez-me saber que a resposta ao meu car-tel seria verbal por meio de um galego (...) Quem disseram os senhores que se acolheu devassadamente a casa de Marcos Freire?
> "– As expressões são de Simão Peixoto – interrompeu um dos atordoados.
> "– Sejam, que dignas são dele – sobreveio o major –, mas homens de bem não se fazem línguas de Simão Peixoto. Irresponsáveis em mandatos de tal natureza são de feito os recadeiros sabujos, os galegos que Vossas Senhorias vieram fingir" ([29]).

Estamos, então, no reino do insulto. Que pode querer dizer galego? Tudo o que o emissor e receptor interpretarem, sempre na esfera do baixo e/ou ruim. Assim, galego é até D. Benito de Rojas, barcelonês, por vezes espanhol de nação ([30]), outras inclusivamente castelhano ([31]), mas galego, quando é endiabrado e foge com a moça por quem se apaixonara o Caetano Alves da *Filha do Doutor Negro* ([32]). O tal D. Benito far-se-á passar na América inglesa por marquês de Pontevedra e conde de Altamira ([33]), até morrer na sua cama degolado numa particular aplicação da *justiça poética popular* ([34]). Aquele galego da vindima ("e que pedaço de galego!" ([35])) que namorara a prima do narrador, provoca a seguinte pergunta do interlocutor Bento: – "Que se seguiu? Mataram ao bruto?" "– Qual matar ao bruto!" replica o narrador. "O bruto tinha

([29]) VI, 54.
([30]) IV, 898.
([31]) IV, 937.
([32]) IV, 943.
([33]) IV, 974.
([34]) Cfr., Feijó, Elias J. Torres, *A Justiça poética nas Novelas do Minho, O caso do Filho Natural*, Actas das I Jornadas Camilianas, Salamanca, 1990, no prelo.
([35]) II, 771.

direito sagrado à sua existência. Minha prima foi interrogada pelo irmão, seu tutor, e respondeu que havia de casar com o galego" ([36]). O Zeferino de *A Brasileira de Prazins* não teve em princípio tanta sorte. Enamorado de Marta, esta não atendia os seus requerimentos. E isso que "trabalhara e roubara como galego para a poder comprar ao pai por um conto e quinhentos e pico ([37])". Nem assim. O padre Bento, do *Demónio do Ouro* era "cioso como quartão galego ([38])" guardando Carlota. Resumindo: "Portas-te como um galego", diz-lhe a Inocêncio seu pai ([39]).

A tal extremo chegou o galego, besta à falta do quadrúpede e outras salvo de sê-lo pela presença daquelas. "Como não tinha inimigos em Lisboa", narra-se-nos no *Carrasco de Vítor José Alves*, "o mulato, absorvido no deleite de palmear e almofaçar as ancas dos seus cavalos, apenas uma ou outra vez esbofeteava os criados galegos da cavalariça, para exercitar a punjança dos tendões *in anima vili* ([40])". Galegos da cadeirinha, que eram *parelha num Homem de Brios*, aparecem apedrejando porcos, coçando as pernas, dando cascalhadas, escorraçando, enfim, um gato, sentados num cômoro, na *Corja* ([41]).

A vida de galego converte-se num drama da miséria e impotência, solicitando, como nos *Mistérios de Lisboa*, "mais um pataquinho", uns carretos galegos, cujas lamentações provocam "uma gargalhada geral nos grupos": "pelas suas alminhas – tornou o galego –, mande-nos pagar agora, que não temos um chavo para pagar a cama". E a bacalhoeira a quem imploravam os galegos "embrulhou em um papel dinheiro em cobre, atirou-o à rua e fechou a janela ([42])". Nalguma particular hierarquia do narrador (mistura de profissão e classe), não ocupa os primeiros lugares; à porta do conde de Lordelo, em *Anátema*, sobem "corregedor, beleguins, escrivães, ajudantes de cartório, notários, afora soldados, e povo, e galegos, e mestre António ([43])". E assim é o tipo, *espécie*, em

([36]) II, 771.
([37]) VIII, 783.
([38]) VII, 339.
([39]) II, 424.
([40]) VII, 66.
([41]) VIII, 664
([42]) I, 556.
([43]) I, 258.

A Neta do arcediago ([44]), embora – caridade, a tanto obrigas...! – a Sra. Mariana proclame solenemente, perante uma das *Três irmãs*, que "o galego também é cristão." A filha, condizendo com seu pai, esclarece que "a gente não vem feita das mãos de Deus e que é o dinheiro que nos faz depois ([45])".

2.1.2. Identidade(s) de galego.

Em muitas das referências que antecedem, percorremos caminhos de certa ambiguidade. Afora notícias explícitas, em não poucas alusões desconhecemos exactamente se 'galego' faz ou não faz também referência a uma origem determinada.

Nas múltiplas peripécias das personagens de Camilo, estas vão e vêm com frequência para e da Galiza e para as suas cidades e vilas. Assim, Vigo, Santiago, Redondela, Orense (sic), Tui... são destino ou lugar de passagem, e pela Galiza se espera a chegada do Sr. D. Miguel ([46]). É lugar de passagem natural para o autor das *Memórias*, que aos catorze anos tinha já percorrido "dous terços do país e boa parte da Galiza" ([47]); pela Galiza havia muitos meses que demorava o Joaquim de Araújo, "amaltado com jogadores de esquineta" (particular *identidade lúdica*) ([48]) ou os cómicos da *Enjeitada*, que já na altura passavam a fronteira sem problemas ([49]). A Galiza é também um dos lugares eleitos pelos represaliados, que ora podem fugir por motivos de namoro ([50]), ora por causas políticas como o Bernardo Pires dos *Doze Casamentos Felizes* ([51]), ou o Joaquim Alves, conjurado com os revolucionários e emigrado no *Sangue* ([52]), não faltando o contrabando, como prova Já-come Pimentel nos *Doze casamentos* ([53]).

Ora bem, mais do que a referência, que mostra que o *lugar existe* e que está próximo, interessa a consideração do mesmo e dos que

([44]) II, 27.
([45]) III, 280.
([46]) VIII, 765.
([47]) IX, 134.
([48]) VIII, 147.
([49]) V, 253.
([50]) VIII, 381.
([51]) VIII, 1057.
([52]) VI, 349.
([53]) VIII, 1105.

nele habitam. Conduz-nos esta questão à matéria que podemos denominar da *identidade*. Já não é, portanto, inquirirmos sobre o *galego*, mas, muito restritamente, sobre a origem de *galego*, tendo presente as perspectivas que antecedem. Não procuramos, assim, apenas o "marquês galego" comilão de Agulha em palheiro ([54]), ou o, em aparência, galego do Minho acima, que acaba, no entanto, por ser também o alentejano ou mesmo o andaluz, mas o galego como indíviduo pertencente a uma comunidade (comum unidade) linguística, cultural?, étnica?, puramente geográfica?... Evidentemente centramo-nos numa questão com dupla direcção: Espanha, Galiza e Portugal, e as gradações e interpretações que daí se puderem estabelecer.

Neste terreno as diferentes referências aparecem cheias de matizes que não permitem deduzir uma ideia minimamente homogénea. Umas vezes a Galiza não existe e é, sem mais, Espanha (e outras *existe de mais* como verificámos em exemplos referidos). O Manuel Botelho de *Amor de Perdição* foge para Espanha e demora um ano na Corunha ([55]). Uma personagem da *Filha do Regicida* mostra como a história fez com que Sant'Iago seja "muito castelhano", invocado como "patrono das Espanhas ([56])" nas lutas contra os árabes. Por essa vida do simbólico, até Inês de Castro é, sem matizes, espanhola. Assim considera o Gonçalo de *Estrelas Funestas* esta mulher-símbolo, também de Portugal, remetendo para uma identidade mais ampla ao tempo que difusa, supranacional, quase *hispana*, e, por aí, *ibérica*. Gonçalo tenta convencer a sua filha Maria, a quem prometera casar com um conde, do casamento com Filipe Osório:

> –"(...) Favor, em ligar-se à nossa estirpe, não me faz nenhum. A sua origem foi a nossa. Todos viemos de Cantábria; procedemos todos dos heróis de Covadonga, capitaneados por Pelágio. Ali se ajuntaram as relíquias dos reis godos, e dessas são oriundas as nossas famílias, posto que seus avós fossem meros fidalgos acantoados em seus solares quando de Espanha veio a infeliz rainha Inês de Castro, dum ramo da comum árvore que bracejou mui honradas e nobilíssimas frondes por Castela" ([57]).

([54]) IV, 599.
([55]) III, 504.
([56]) VII, 885.
([57]) III, 938.

Esta espécie de *confusão* mostra, no fundo, a perda de identidade nacional da Galiza no decorrer dos tempos. Assim acontece também aos olhos dos próprios portugueses, que progressivamente se 'esqueceram' dela ou a viram como extensão de Castela. Uma Castela que nem sempre é uma ameaça, mas por vezes um refúgio da liberdade e da justiça, como se verifica em *Estrelas Funestas*. Na *Mulher Fatal* o narrador informa-nos que os apelidos de Virgínia de Meneses Picaluga de las Cuencas "estão explicados no brasão do portal". E acrescenta: "*Cuencas* vem de fidalgos galegos que se entroncaram nos picalugas de Melgaço de 1524 ([58])". Mas *Cuencas* é apelido e vocábulo castelhano que depois passou a Múrcia, à Andaluzia, a Valência e à Galiza, e, assim, a Portugal. Ora bem, a Galiza chega ao século XVI carecendo já de qualquer independência, e sob o poder de Castela. Assim se explica, em certa maneira, que Virgínia, aos olhos do narrador, actue, sem mais matizes, com "ares de sangue espanhol ([59])".

O galego é visto por alguma personagem não como qualquer coisa parecida com os seus compatriotas minhotos, mas depreciativa e ironicamente como um mal arremedo de espanhol, sem sê-lo: é o que se deduz das palavras do Bento sobre a sua prima e o casamento com um galego da vindima: "Casou-o e vestiu-o de casaco, e botas de cano alto, e chapéu de seda, e, o que mais é, meu primo galego parecia depois um espanhol ([60])" (mas, e deduz-se também do comentário de Bento, havia diferenças entre o galego e o espanhol; *ergo então, o galego não era espanhol.*)

Portanto, a Galiza dilui-se, por vezes, em Castela ou Espanha. Especial comentário merecem várias passagens em que o tipo de referência é motivado pela visão de uma Castela atentatória contra a identidade portuguesa, Castela-núcleo imperial, Castela-nação dominadora e ocultadora das outras nações, reflectida na identificação Castela=Espanha. Com efeito, quando se trata da ameaça no quadro peninsular, o que não é Portugal é com frequência Castela. Prova do que comentamos são os romances *O Regicida* e *A Filha do Regicida*, produzidos na

([58]) VI, 1092.
([59]) VI, 1104.
([60]) II, 771.

década de 70. Assim no primeiro, Roque conhece os perigos a que se expõe "de não ter amigos nem em Portugal nem em Castela" ([61]); uma outra personagem, Serges, aparece como "espião de Castela" ([62]). As alusões ao rei Filipe produzem-se tanto como monarca de Castela como de Espanha ([63]). Do mesmo modo, na *Filha do Regicida*, Portugal está em guerra com a nação castelhana ([64]). Exemplos como os precedentes podem ser entendidos como exclusão deliberada ou inconsciente dos outros reinos que *não estão em guerra com Portugal*. Chega mesmo a acontecer que essa identificação se traslade ao próprio Portugal. E terá que ser português de origem provada e antiga, significativamente do Minho, quem a rebate. O diálogo é por si eloquente:

> " –Terras alheias!... – objectou o velho ministro de Filipe III. – Não é terra alheia Espanha; espanhóis todos nós somos...
>
> "– Nenja eu! – acudiu o euteleiro. – Nem meu filho o há-de ser sem a minha maldição. Tanto eu como ele nascemos na Rua de Infesta, em Guimarães, onde tudo é português, desde que lá nasceu e se baptizou o primeiro rei de Portugal.
>
> "Francisco Leitão espirrou uns jactos de riso zombeteiro, e regungou por entre insultos do catarro catécquico:
>
> "– Estas abusões do povo, filhas da ignorância, ainda mal que nos trazem divididos os filho do mesmo troco visigodo, e teimam em fazer nação um retalho de Castela, que já valeu muito sobre o mar, mas que pouco monta em terra firme (...)" ([65]).

E neste *gingar* da personalidade galega, esta encontra-se com a portuguesa. Há alguma ocasião em que o encontro é inconsciente e minucioso. Assim, nas *Novelas do Minho*, quando, na *Morgada de Romariz*, Camilo escreve em nota que "em província nenhuma, salvante o Minho, ouvi ainda empregar este verbo *rejeitar* [de *rejicere*] como quem diz *arremessar* ([66])"; certamente, em nenhuma outra província

([61]) VII, 701.
([62]) VII, 733.
([63]) VII, 732.
([64]) VII, 933.
([65]) VII, 763.
([66]) VIII, 137.

de Portugal, mas sim na Galiza (*subunidade* linguística na unidade linguística). De igual forma, qualquer leitor galego se reconheceria no cantar que abre o Capítulo III ("Ai, jardim que eu cultivei/Minhas pombinhas tão q'ridas!" ([67])) de *Um episódio de Alcácer Quibir* e lembraria, por exemplo, Rosalia de Castro, uma também *subunidade* literária. Essa anagnórise assoma para citarmos mais um caso no *Demónio do Ouro*, como motivo de algumas referências históricas que conduzem o narrador às origens de Portugal ao falar a propósito de uma personagem: "Os monumentos da velha Galiza, aquelas relíquias dos netos de Pelágio não lhe preponderavam tanto como os seis anos da criança que não tinha mãe (...)" ([68]).

Enfim, exemplos como os que antecedem levam a configurar uma espécie de identidade galego-minhota, ou, em ocasiões, *galego=minhoto*. Qualquer coisa como esta pode ser interpretada na personagem do conde de Monção, em *Estrelas Funestas*, quando o ridículo senhor é descrito, entre outras características, com a linguística, pois a vizinhança da Galiza "introduzira na linguagem familiar do conde muitos termos espúrios, cuja versão fiel só os aguadeiros de Lisboa podiam fazê-la competentemente" ([69]), quer dizer-se, a fala dos galegos percebida como deturpada (mas deturpada de qual língua, da castelhana ou da portuguesa? desta última, obviamente).

Já vimos aquele António Leite, de Guimarães, tão dignamente defendendo a identidade portuguesa naquela altura de recente recuperação da independência. Linhas antes é identificado por outra personagem "pelo vestido" como "português do Minho do nosso Portugal" ([70]), frase por certo de se reparar, por demais curiosa, e sujeita a interpretações várias; uma delas a de pensar que *podia ser português do outro Minho*, sob o domínio de Castela, portanto, *português do Minho castelhano*, paradoxo muito revelador que singulariza os galegos sem nomeá-los.

Enfim, na *Filha do Regicida*, continuação da obra a que corresponde o texto anterior, o próprio António Leite assiste ao seguinte diálogo entre um criado de cavalariça e "outros ociosos":

([67]) IX, 59.
([68]) VII, 333.
([69]) III, 941.
([70]) VII, 673.

"Eu tenho um ajudante que foi à terra, e estou à espera de outro, que é meu sobrinho, e mandei vir da terra.

"– Da Galiza? – perguntou chocarreando o estribeiro do chanceler.

"– Já lhe disse que não sou galego: sou de Guimarães, nascido e criado no Cano das Gafas.

"– Em mau cano foste nado! – tornou o estribeiro.

"O de Guimarães fez um gesto de arrieiro ao vizinho, dividindo a meio o braço direito no cotovelo do esquerdo, e recolheu o cavalo na cocheira" ([71]).

Qualquer coisa, portanto, põe em relação o ofício e a origem do vimaranense com a Galiza para que *funcione* a brincadeira do estribeiro.Um pouco antes, António Leite conversara com uma peixeira sobre o seu próprio filho Domingos sem que aquela o soubesse; a mulher está a falar de um criado por quem se se informara da vida de Domingos Leite: "O galego, ou minhoto, ou que diabo era", diz em referência ao criado, e, logo, sobre ele prórpio: "Ainda agora ando à cata do galego (...) ([72])".

As cenas acontecem em Lisboa.

No centro e no sul, os minhotos *confudem-se* com os galegos como origem (e objecto de insulto, brincadeira, etc.) como se conformassem uma mesma identidade. Aí, Castela não existe para nada. Não é um comentário sobre os do norte por *castelhanizados*, mas por *agalegados*. Galego, então, carregado com todas as conotações conhecidas, é *origem da origem portuguesa*; quer-se dizer, é a origem do Minho, berço de Portugal.

"A genealogia da mulher", lemos, em *Cenas da Foz*, a respeito de D. Amália e D. Hermenegilda, "diziam lá em casa que era a mais antiga da velha Lusitânia, e contavam maravilhas de seus avós na Índia e em Amarante. A herdeira, por segunda e inevitável consequência, tinha nas veias doze camadas bem medidas de sangue gótico, e por isso, a arquitectura externa fazia lembrar Orense (*sic*) ou Santiago de Compostela ([73])". Ironicamente ou não, a Galiza está no fundo do ser português.

([71]) VII, 851.
([72]) VII, 849.
([73]) II, 765.

E é o próprio Camilo na introdução ao *Comendador das Novelas do Minho* quem o assinala de maneira eloquente:

"Diziam-me que a rusticidade era o derradeiro baluarte da pureza, e que os lavradores do Minho, nivelados com os saloios da Estremadura, eram os cândidos pastores da Arcádia comparados aos malandrins de Gomorra. Um dos meus estudos, no intuito de me habilitar para o confronto do saloio com o minhoto – da raça sarracena com a galega –, é esta historinha que lhe dedico, meu nobre amigo" ([74]).

Breve paragem nas Coisas Espantosas

Parece obrigatório determo-nos, embora seja só uns instantes, neste romance, objecto de comentário dos estudiosos que no princípio citávamos.

Dizia Horácio Marçal que Camilo, neste romance, soubera "elevar bem alto a nobreza de carácter de um galego", ao que retorquia Jesus Taboada noutras partes ao afirmar que se empregara contra os galegos como ditava o tópico vulgar. Pensamos nós que, se bem se olha, *Coisas Espantosas*, não oferece nada substantivo ao tratamento do galego que não se tire do resto da produção camiliana. Certamente temos agora um galego como protagonista e chamado pelo seu nome, Gregório. Gregório, homem de altíssima qualidade humana. Mas sempre nessa *corda bamba* em que se move a apreciação do escritor. *Coisas Espantosas* passa a ser, então, uma excelente prova do que acima denominámos a *genial contradição*. Porque Camilo não perde aqui a oportunidade de construir a ironia gigante e totalizadora a que nos tem acostumado, e onde, como vimos, a figura do galego presta imelhorável serviço à sua particular pena demiúrgica.

Já o título prevê – coisas *espantosas*: estes espantos há-os por toda a parte na obra do autor de São Miguel de Ceide, mas aqui a primeira é ser protagonista um galego, "se me consentem que um galego possa receber do Alto o poderoso encargo de executar ordens divinas" ([75]).

([74]) VIII, 55.
([75]) III, 554.

Um galego que escreve com grande custo ([76]), que intitula os seus negócios de taberna (muito galaicos estes) como *retiro admirabele* ("onde os petiscos eram muito melhores que a ortografia") ou o "Leão das Espanhas" ([77]), que não entende que Augusto queira estudar, com tanto dinheiro como ele tem. Homem que, depois de fazer méritos sobrados, alcança do narrador o título de *português* ("não se agravem os meus patrícios da carta de naturalidade que dou ao Senhor Gregório. Se tivéssemos vinte como aquele a nossa civilização material estaria num pé muito mais adiantado. Saibam que a ele se deve a estrada que liga Valongo ao Porto, e a conservação do Ministério, que mais viação pública fomentou" ([78])), concedido pelo Camilo-demiurgo a este "santo homem Gregório – a quem eu já não posso chamar galego ([79])". Galego, enfim, desprezado por sê-lo, como faz o malvado Manuel de Castro, quando, à pergunta de se conhece o galego Gregório Redondela, "disse que não tinha decaído tanto da posição social de seus pais que estivesse relacionado com galegos" ([80]), testemunho que vindo de quem vem, põe de relevo ainda mais o galego. Indiscutivelmente a obra está repassada da figura de Gregório como homem honrado, fiel, bondoso e generoso até ao extremo, instrumento contínuo da reparação do dano, e mesmo salvador da nação: os seus empréstimos ao Ministério fazem com que não se revolte a guarnição do Porto, e assome a poderosa (e complexa) ironia: "Viva pois a independência nacional, e o Senhor Gregório que, sendo galego, tinha nas entranhas uma faísca dos bravos de 1640, faísca que entra em corpos de galegos porque não acha peitos por-tugueses em que se meta" ([81]). Galego a quem Camilo também não du-vida em chamar "irmão da galiza"([82]), levando essa identidade a indicar traços linguísticos em que o galego se diferencia do interlocutor, como ao minhoto e ao próprio Camilo acontece, acrescentemos:

> "Saíram juntos para o palácio de Eduardo, convidados a jantar.
> "– A jantar? – observou Gregório – são sete horas da tarde. Vossa Excelência queria dizer *cear*, não é assim? Vamo lá cear e jantaremos em minha casa em Lisboa, de hoje a duas semanas; mas lá janta-se ao meio-dia; merenda-se às quatro; e ceia-se às oito.
> "Sempre alegre, sempre feliz, o coração do bem-fadado da Providência!" ([83]).

([76]) III, 581.
([77]) III, 595.
([78]) III, 653.
([79]) III, 657.
([80]) III, 579.
([81]) III, 638.
([82]) III, 594.

Comenta com humor irónico o autor de *A Brasileira de Prazins*, que em obras como esta e outras não utiliza a cursiva para a refeição das oito...

Uma particular Galaecia.

Em suma, que deduzimos nós do aqui escrito? Que Camilo é acima de tudo um escritor da ironia, caminho e prisioneiro da contradição a que aquela conduz. Usa para o seu humor todos os tópicos que sobre o galego correm, mas sabe bem que o galego é um ser em certas ocasiões injustamente humilhado, embora ele compartilhe para os seus fins o exercício da humilhação. Pessoas há que contam anedotas de pretos ou de ciganos, cientes da injustiça que possam cometer mas vencidos no momento pelo desejo de agradar. Camilo é também para agradar os seus leitores burgueses (difícil é que os *galegos* lessem) um genial vencido da ironia, da sátira; mas sátira complexa, porque (e *Coisas Espantosas* é bom exemplo) da sua pulhice imediata ao galego surge outra mais ampla e extensa para muitos dos seus contemporâneos, e para não poucos *citadinos* que riam à conta dos de *acima*. E não deixamos de perceber mesmo certa ternura quando os galegos suplicam que lhes paguem os serviços para poder dormir essa noite, provocando as gargalhadas dos grupos, e compaixão quando são apresentados sendo esbofeteados cruelmente pelo amo de turno. O galego é útil ao seu humor, mas nem por isso esquece o escritor que esse galego (o baixo, o bruto, o da Galiza) é origem portuguesa – o irmão da Galiza – e é também o minhoto. Vimos exemplos elucidadores poucas linhas atrás. Atacar o galego já não é apenas atacar a dignidade humana em geral, é atacar-se em boa medida a si próprio. Tudo o que

([83]) III, 695.

configura a genial contradição que envolve a obra camiliana (e não exactamente o *pensamento camiliano*) é que aparece aqui com especial relevo.

Não podemos chegar nós a uma conclusão redonda sobre que pensava Camilo dos galegos e da Galiza, embora estejamos convencidos de que por cima da sua ironia vivia a consciência de que o Além-Minho e o Aquém-Minho não iam muito além de uma distinção geográfica de igual apelido; que eram próprios e próximos. Lembremos que na altura os galegos não o perceberam precisamente como um inimigo da Galiza; no ano em que as segundas edições do *Amor de Perdição* vieram a lume, publicavam-se já num jornal galego alguns poemas do autor de Ceide ([84]).

E essa identidade galego-minhota, galaica – da Galécia –, reunia numa unidade mais ampla a Galiza e Portugal. O galego não é mais então, e por dizê-lo de alguma maneira, que uma particularidade quantitativa, mas não qualitativa. Camilo, permita-se-nos mais um coloquialismo, possivelmente também *ceava às oito*, e conhecia o que isso significava a respeito dos galegos e da Galiza. Um estudioso amante da sua obra, o Professor galego Carlos Paulo Martínez Pereiro, numa recente edição do *Morgado de Fafe em Lisboa*, transcreve um trecho de "Uma epístola de Garrett e o Porto" a propósito da representação do *Morgado* em Lisboa. Pensamos que o texto, com que concluimos esta aproximação, permite ver que, querendo afirmar diferenças, o que se afirma é a comum unidade que os avatares da história ainda não conseguiram apagar de todo, por mais que fossem os esforços nesse sentido empregados. Ei-lo o texto para se tirarem as próprias conclusões:

"A "sórdida ignorância", dessa não há vestígios, nem o "bê", nem do "resfôlego nasal". Nariz e beiços levaram grande volta. Hoje predomina o "v". Tudo é "vom" e "vonito", as damas principalmente, mais comunicativas com as de Lisboa já penduram uma croma de sons de cada palavra interrogativa. "Passou vem"? Este "vem" é zunido, que dura o tempo necessário de uma anasarca em si e duas hepatites crónicas na família.

"O 'sestro brácaro maldito', diz Garrett. Desgraciada calúnia! Em Braga, tirante a gente miúda, falam o português limpamente as pessoas de mediana leitura, e em perfeito grau as instruídas. O autor de "A Filha do Marquês" à fina força queria que os bracarenses fossem galegos. Por isso lhe patearam a comédia em Lisboa.

"Não lha patearam os bragueses: foram os pés da providência e da justiça. Em Lisboa folgam as plateias de ver os minhotos sejam naturalizados em Galiza no teatro. Minhoto português é absurdidade que escandaliza a bazófia dos lisboetas. O insigne actor Rosa, por sustentar em cena o meu "Morgado de Fafe", agalegou-o. Com que nevralgias de coração via eu as graçolas portuguesas do meu jovial personagem injuriados pela pronúncia, como se a graça fosse exclusivo de Galiza, ou lisboetas só de chalaças galegas pudessem rir!

"Garrett sacrificava os seus patrícios e seu bom siso à hilaridade dos de Lisboa" ([85]).

Será então que o lisboeta não queria ver um compatrício ridículo e procurava-o sob a raia doutro País? É uma velha história que ainda se pode mudar.

([84]) Referimo-nos a Galicia, *Revista Universal de este reino*, ano V, núm. 5, 1/03/ /1864. Artigo em preparação para a Homenagem ao Professor Doutor Ricardo Carvalho Calero, volume a sair em 1992, organizado pela Associação Galega da Língua.

([85]) *O Morgado de Fafe em Lisboa*, Camilo Castelo Branco; edição e estudo de Carlos Paulo Martínez Pereiro, Cadernos da Escola Dramática Galega, núm. 93, Maio, 1991, pág. 5. Texto de "Uma epístola de Garrett e o Porto", Cap. IV de *Cavar em Ruínas*, citado pela quinta edição da Parceria António Maria Pereira – Livraria Editora (Lisboa, 1927, pp. 44-45).